

# *Homenagem a Oliveira Lima na Revista de História (1912-1928), uma publicação periódica portuguesa, dirigida por Fidelino de Figueiredo\**

NUNO BESSA MOREIRA\*\*

Faculdade de Letras do Porto

**Resumo:** No seu volume final, que condensa a atividade de dois anos num, correspondente a 1927-28, a *Revista de História* dedica alguns artigos a Oliveira Lima, falecido em Março do derradeiro ano citado. O exemplar em análise condensa algumas novidades. Desde logo, procura resgatar e edificar a memória histórica dessa personalidade, com vários discursos historiográficos que oscilam entre o testemunho pessoal e a apologia discreta e documentada. Estes relatos são extremamente fecundos porque nos revelam pormenores sobre a personalidade homenageada, mas, sobretudo, por paradoxal que pareça, acerca dos colaboradores do periódico responsáveis pelos elogios, permitindo perceber as orientações ideológicas conservadoras da publicação e o seu recorte epistemológico.

**Palavras-chave:** Homenagem; Oliveira Lima; *Revista de História*.

**Abstract:** In its final volume, corresponding to 1927-28, *Revista de História* devotes some articles to Oliveira Lima, who died in March of the last year cited. The sample under analysis condenses some novelties. First of all, it seeks to rescue and build the historical memory of this personality, with several historiographic discourses that oscillate between personal testimony and discreet and documented apology. These reports are extremely fruitful because they reveal details about the honored personality but, above all, about the collaborators of the journal responsible for the compliments, allowing us to perceive the conservative ideological orientations of the publication and its epistemological cut.

**Keywords:** Homage; Oliveira Lima; *Revista de História*.

---

\* Recebido em 01/03/2017 e aprovado para publicação em 04/05/2017.

\*\* Doutor em História (*Ph.D*) pela Faculdade de Letras do Porto. É colaborador do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória (CITCEM) desde 2007. Faz parte do conselho e da equipa editorial das Revistas *Teoria da História* (Goiás, Brasil) e *Artiência*. Atualmente encontra-se inscrito no Pós-Doutorado, desenvolvendo um projeto sobre o discurso historiográfico de Vitorino Magalhães Godinho.

## Introdução<sup>1</sup>

**E**ste estudo procura conjugar vários temas no plano teórico: A memória e os seus usos, a biografia ou a narrativa. Quanto à primeira, tivemos em conta os trabalhos pioneiros de Maurice Halbwachs, desde os anos 30, sem esquecer as discussões que lançou em torno da memória coletiva. Nos anos 70, Pierre Nora consagrou os *lugares de memória*, salvaguardando a configuração desta enquanto construção social (CATROGA, 2001). Eximimo-nos a aprofundar o tópico das relações entre memória e história e a possível integração daquela nesta, ou vice-versa. Discordamos de ambas as subjugações. Na atualidade, o debate em torno da memória cultural é extremamente vivo. No que concerne à biografia, a sua análise em novos moldes decorreu, entre outros, dos esforços de Giovanni Levi, que recusou a linha romântica, por vezes apologética, do culto dos *grandes homens*, propondo uma perspetiva que consignasse a conciliação de uma dimensão hermenêutica com pressupostos prosopográficos. Relativamente à narrativa, Lawrence Stone problematizou a necessidade de tê-la em conta, mas já antes, noutros moldes, autores como Gallie, Louis O. Mink, Arthur Danto defenderam a sua relevância no discurso historiográfico. Todavia, o primeiro repercutia o discurso dominante, aparentando a narrativa com a exposição de sequências temporais, enquanto os outros estudiosos referidos a encaravam sobretudo como uma construção. No mesmo sentido, Frank Ankersmit ou Hayden White aprofundaram a abordagem construtivista e narrativista, bem diferente da perspetiva fenomenológica de Paul Ricoeur ou David Carr, para os quais a vida constitui uma narrativa (KUUKKANEN, 2015, p. 16-29). Julgamos ser possível compaginar as reivindicações de

---

<sup>1</sup> Todo o texto que se segue reproduz na íntegra uma parte da minha dissertação doutoral, que se mantém inédita no que se refere a uma publicação comercial, intitulada *A Revista de História: uma proposta de análise histórico-historiográfica* (Moreira, 2012, p. 702-722), com exceção das observações teóricas iniciais, elaboradas para esta ocasião. Todavia, uma parcela muito reduzida deste estudo foi dada à estampa no meu artigo intitulado *As relações Portugal-Brasil na Revista de História (1912-1928): reflexões em torno do Luso-tropicalismo e da Lusofonia* (MOREIRA, 2014, p. 112-125) pelo que considerei importante aproveitar esta ocasião para dá-lo a conhecer na totalidade a um público mais alargado, nomeadamente oriundo do Brasil.

verdade e realidade (relativas e parciais) com a aceitação da importância do narrativismo. Neste estudo, analisaremos a construção de narrativas sobre uma personalidade, Manoel de Oliveira Lima, que materializam usos da memória e constituem visões a tomar em linha de conta, concretizando a edificação de discursos de teor biográfico.

Fidelino de Figueiredo, diretor da Revista de História, assinou uma nota editorial a chamar a atenção dos leitores para o falecimento recente de Oliveira Lima. Não indica aquele escritor outra data que não a da sua própria homenagem, a anteceder a assinatura fideliniana: Madrid, 18 de Abril de 1928. A consulta a enciclopédias permite confirmar que Oliveira Lima morrera em Março. Avulta uma questão: que circunstâncias terão presidido a tão resoluta intenção de homenagear o intelectual brasileiro? (FIGUEIREDO, 1927-28, p. 5; MALATIAN, 2015, p. 10-28).

Várias hipóteses podem ser colocadas e, eventualmente, conjugadas: I – O prestígio do homenageado, alicerçado em sólida formação cultural e num percurso multifacetado, no qual se cruzam, tornando-se indissociáveis, e porventura indiscerníveis, os caminhos percorridos pelo homem de letras (em sentido lato), diplomata e historiador; II - Os créditos firmados pelo escritor pernambucano, nomeadamente no exercício da atividade historiográfica, a única à qual Fidelino de Figueiredo dedica referência direta na sua nota, designando o autor brasileiro por eminente historiador, sendo importante abordá-lo nessa perspectiva numa revista consignada maioritariamente à História, conforme resulta patente desde o nome do periódico; III - A necessidade de consolidar a internacionalização da publicação em análise, patente no espaço conferido ao intercâmbio cultural, neste caso com o Brasil, promovendo o possível alargamento do público leitor; IV - A urgência de afirmação de idiosincrasias e pontos de vista, através da emblematização da personalidade em causa, instrumentalizada em favor da fixação de determinado quadro de valores, formas de vida, modos de entender as elites e a função dos intelectuais V- A ausência de Fidelino de Figueiredo do seu país – depois de eventuais desentendimentos com membros da Ditadura Militar, iniciada a 28 de Maio de 1926, e que a princípio apoiara – pode ter precipitado a necessidade de falar daqueles que constituíam o seu grupo de amigos e que não eram apenas portugueses,

demonstrando lealdade para com eles, e procurando transmitir a imagem de afinidade para com o incentivo de um certo cosmopolitismo cultural, sintonizando-se a *Revista de História* com a atualidade a esse nível.

A homenagem a Oliveira Lima também pode ter decorrido da forte amizade entre este e Fidelino de Figueiredo, plasmada em correspondência trocada pelas duas personalidades desde 1912, minuciosamente estudada por Teresa Malatian, que ressalta a convergência de itinerários e projetos, apesar da diferença de idades (trinta anos), situação que não impediu o convite a Oliveira Lima para pertencer à Sociedade Nacional de História, posteriormente designada Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos (sob o impulso decisivo de Edgar Prestage, que era muito amigo do brasileiro, tal como Lúcio de Azevedo), e escrever no respetivo periódico. Recorde-se que este fora aluno do Curso Superior de Letras, tal como o diretor da Revista de História, que com ele não partilhava a admiração por Teófilo Braga, divergência que não pôs em causa a amizade ambos. Esta ficou bem patente em 1923, quando o historiador brasileiro visitou Portugal e proferiu 4 conferências em Coimbra, tendo estado projetada a atribuição a Oliveira Lima da Grã-Cruz da ordem de Santiago da Espada, prejudicada por comentários menos abonatórios deste à higiene na cidade de Lisboa ou à instabilidade política em Portugal. Fidelino de Figueiredo fora o principal organizador da magnífica recepção ao seu amigo, fortalecendo a posição deste nos círculos de sociabilidade portugueses, incentivando a edição do lado de cá do atlântico da obra de Oliveira Lima *D. Pedro e D. Miguel*. Corria o ano de 1925 e o diretor da Revista de História não terá ficado muito agradado com a visão expressa sobre este momento da história portuguesa.

Em 1927, malgrado o *Golpe dos Fifis*, Fidelino de Figueiredo foi forçado ao exílio. Ainda pediu ajuda a Oliveira Lima, mas este faleceu pouco depois, em 1928 (MALATIAN, 2015, p. 10-28).

A nota introdutória de Figueiredo na homenagem referida (1927-28, p. 5) resulta genérica e não contém dados explícitos que concorram para iluminar os requisitos necessários para o convite formulado: “A todos os illustres colaboradores, que accudiram ao nosso convite para a homenagem que os historiadores, eruditos portugueses e lusitanisantes estrangeiros deviam a tão preclaro espirito, agradeço vivamente a valiosa e honrosa

colaboração”. A peça textual introdutória possui uma natureza de difícil circunscrição. Em primeiro lugar, porque Fidelino de Figueiredo não lhe atribui qualquer designação, preferindo intitular as suas palavras de modo lacônico, pelo recurso ao nome próprio que identifica a personalidade tributária da efeméride, M. de Oliveira Lima, cujo nome parece dispensar adjetivações – ativando o mecanismo retórico segundo o qual a parte verbalizada substitui o todo que significa – de tal modo se supõe que fosse conhecido nos meios culturais a que pertencia e nos quais se movia, inclusive entre os portugueses, aos quais a *Revista de História* se dirige. Note-se que nela o espaço consignado a notas editoriais era quase inexistente ao longo dos anos e podia denotar certo desconforto, decorrente da falta de prática evidenciada pela redação em procedimentos afins. Esse vazio foi interrompido, pela força dos acontecimentos, aquando do início da Primeira Guerra Mundial e após a morte do historiador e diplomata brasileiro. São circunstâncias distintas, incomparáveis, mas que têm em comum a necessidade de sobre elas incidirem exercícios de memória, no primeiro caso funcionando como alerta ou aviso do que podia estar para vir, e não se queria prolongar, no segundo momento comparecendo em sentido inverso, para evitar o esquecimento de uma personalidade cuja relevância histórica era de tal modo sublinhada que a nota introdutória de Fidelino de Figueiredo se dispensou de circunstanciar, no imediato, no tocante ao percurso biobibliográfico, mas não se eximiu a remeter o respetivo tratamento para o seio do conjunto de artigos entretanto reunidos.

Refira-se que Fidelino também silenciou a nomeação dos autores escolhidos para materializar a homenagem, e poupou explicações acerca dessa omissão, colmatada pela leitura dos respetivos textos. A reserva aludida pode ter-se prendido com a vontade de instaurar um efeito-surpresa nos potenciais leitores, mantendo-os provisória e deliberadamente em suspenso, de modo a alimentar a curiosidade pelos escritos. Por outro lado, há evidências atinentes à sinalização dos espaços da *Revista de História*, que convém ter em conta. Dado que o volume final da *Revista de História* congrega o esforço do periódico durante os anos de 1927-28, foram dados à estampa apenas quatro números, ao invés dos costumeiros oito.

### Homenagem a Oliveira Lima na *Revista de História* (1912-1928)

Avulta uma possibilidade segundo a qual o volume em análise poder ter sido publicado na sua totalidade apenas no final de 1928, ainda que nele se tenham mantido alguns hábitos detentores de uma aparência de trimestralidade. Em favor do primeiro argumento pode ser mobilizada a publicação da nota introdutória de Fidelino de Figueiredo, que abre todo o volume, ainda que os artigos aos quais se refere sejam publicados cerca de duzentas páginas depois, no espaço supostamente reservado para os três últimos números da publicação. A natureza dos textos de homenagem a Oliveira Lima é multifacetada, dado que comporta evocações pessoais e íntimas, entrevistas e esboços biográficos e bibliográficos. A designação *artigos* era suficientemente dúctil e neutra para, sob a sua égide, inscrever a diversidade apontada, mantendo a respetiva autonomia, incentivando-se simultaneamente uma noção de conjunto, que reforça a individualidade dos contributos sem esbatê-la ou colocá-la em causa. O primeiro artigo de homenagem a Oliveira Lima é da autoria de um outro pernambucano, o jornalista Mário Mello, e foi escrito em 1920 antes da morte daquele. Não sabemos se chegou a ler o texto ou se este foi alvo de publicação prévia. Certo é que, desde o título, *Oliveira Lima Intimo*, se perfila uma escrita onde um depoimento em primeira pessoa, pautado por relações de amizade, se sobrepõe a intenções reflexivas ou teóricas sobre a obra do autor. Estas comparecem esbatidas e matizadas, sob a forma de observações breves, descontínuas, em número reduzido, subordinadas a coordenadas da trajetória do quotidiano de Oliveira Lima, da qual sobressaem elementos que contribuem para o domínio historiográfico atualmente denominado *História da Vida Privada*, de modo bem diferente.

Todavia, de modo incipiente, o texto de Mário Mello constitui-se como um contributo para a compreensão da rotina diária de Oliveira Lima, que extravasa os limites da sua atividade intelectual, ainda que se lhe refira. O trabalho daquele jornalista funciona como reconhecimento das qualidades do amigo e companheiro nas lides da escrita e exime-se a figurar como um estudo. Logo no início se percebe a edificação de uma fonte primária. O colaborador da *Revista de História* refere que Oliveira Lima se

deslocava com frequência a Pernambuco, nos intervalos do seu trabalho como diplomata em Washington. Sobre este labor, as suas características e consequências, nem uma palavra. Mário Mello percebe que pode tratar-se de material *inflamável*, percorrido por implicações político-ideológicas, às quais prefere furtar-se. Mas o seu testemunho é permeável, desde as primeiras linhas, a um tom intimista, que procura guardar certas distâncias face ao confessional, não deixando, todavia, de revelar pormenores que derivam de uma convivência estreita com o diplomata e historiador evocado.

As primeiras linhas acerca de Oliveira Lima promovem e premeiam o trânsito e balanço entre três níveis de leitura, que são outros tantos espaços de incidência geográfica: o âmbito local, o nacional e o internacional. Mário de Mello frisa o cosmopolitismo de Oliveira Lima, ao evidenciar que foi educado em Portugal, trabalhou, até ao presente retratado, no estrangeiro, mas, qual Ulisses, não referido mas, eventual e difusamente, evocado no plano simbólico, regressava a casa, ao Brasil e, sobretudo a Pernambuco, concretamente ao Recife. Mário de Mello dedica-se a medir escalas e a aferilas, menos com alegada objetividade de geógrafo, que não era, do que fazendo apelo a um discurso aberto à interpenetração das dimensões apontadas, sem enveredar por um radical ímpeto regionalista, mas, afeiçoando-se a soluções de compromisso, permeáveis a compaginar a identidade local com o Brasil como um todo. Resulta curiosa a referência a Portugal, que parece indiciar o suporte moderado e resignado à independência brasileira detentora de um século de existência, em cooperação com a herança do anterior colonizador. Nada é afirmado taxativamente na matéria, nesse sentido ou no inverso. Todavia, perfila-se, nos interstícios do que se diz e silencia, uma posição coincidente com um nacionalismo, à procura de convergências, se não de consensos, ainda que necessariamente relativos, estratégicos e transitórios.

Note-se que a anteceder a entrada nessa esfera, que escapa parcialmente ao âmbito público, encontra-se a descrição geográfica dos locais onde Oliveira Lima retemperava forças, aquando da estadia, por períodos curtos, em Pernambuco. Esta especificação possui algo afim a uma nota de *turismo*, algures entre a parábola bíblica do *filho pródigo* – que no caso do diplomata encontra acolhimento lacunar, assente num regresso transitório –, não referida diretamente, e a cristalização de cenários, portadora de uma

cor local, derivada de uma reminiscência de lastro romântico: “A princípio, devido á carreira diplomática [...] Oliveira Lima vem a Pernambuco somente matar saudades. Aqui se hospeda numa chacara de Parnamirim [...] o riosinho - é um arrabalde do Recife [...]” (MELLO, 1927-28, p. 215-16).

Mas, apesar de uma enunciação sumária da posição social de Oliveira Lima, a casa não é, na escrita de Mário de Mello, apenas o espaço da perpetuação ativa desse lugar hierarquicamente relevante. Comparece, decisivamente, enquanto centro de uma vivência familiar, investida sobretudo de uma função: constituir-se como escritório, o sítio por excelência da produção intelectual do escritor brasileiro, mormente historiográfica. Na Cachoeirinha terá sido escrito o *D. João IV* e revista a *História da civilização*, iniciada no Parnamirim. Note-se a preocupação de Mário Mello em demonstrar proximidade e partilha de intimidade com Oliveira Lima, patentes na divulgação de uma espécie de calendário padronizado das suas atividades diárias, exemplificativo do carácter disciplinado do retratado, prova de que o registo dos ritmos de vida pode funcionar como construção, por parte do enunciador, de modo a transmitir uma certa imagem daquele intelectual, propícia a destacá-lo dos percursos dos restantes mortais, sem o erigir como um ser à parte, unguido, ou superior, ressaltando antes a sua imersão nos vários contextos intelectuais da época. A diferenciação era encarada como resultante de um processo de implicação, entendendo-se o destaque de Oliveira Lima como imanente às dinâmicas e relações interpessoais, afastando-se de interpretações que o isolassem desses enquadramentos. Pelo contrário, a participação neles era condição para a distinção da personalidade em causa, conforme se pode depreender do relato de Mário Mello. Este colaborador da *Revista de História* transmite os traços do quotidiano de Oliveira Lima de modo descritivo, cronológico, factual, quase microscópico, sem adjetivações, de molde a reproduzir a realidade que presenciara *fielmente*, pretendendo eventualmente criar no leitor uma ilusão de participação direta nos factos testemunhados por Mello (1927-28, p. 218-19): “Oliveira Lima dorme habitualmente ás 21 horas e acorda ás 5. Inicia logo trabalho [...] e só o interrompe ás 7 horas [...]. Recomeça [...] às onze e só o deixa às 16, quando lhe servem o jantar [...]. Terminado o jantar não mais escreve [...]”.



A referência minuciosa aos hábitos e atividades de Oliveira Lima pode servir como forma de transmissão e inculcação dos mesmos, cristalizados como rituais, prontos a ser repetidos por outros. Convém lembrar que Mello partilha a intimidade de Oliveira Lima em férias, mas traça-lhe um perfil de entrega ao trabalho intelectual, de algum modo solitário, e pretensamente arredo a mundanidades. Sublinhe-se que o autor do artigo de homenagem em análise se furta, em seguida, a exagerar o alegado ascetismo intelectual da personalidade retratada, retirando-lhe qualquer marca de vaidade ou superioridade para com os outros. Avulta o perfil de um indivíduo permeável alegadamente ao contacto com pessoas de todos os estratos socioculturais: “Toda a liturgia lhe merece atenção. [...] Espírito superior, Oliveira Lima tanto se distrae com as diversões da alta sociedade como com as das nossas tradições populares [...]” (MELLO, 1927-28, p. 219).

Este alegado sincretismo pode corresponder, no plano retórico, a uma tentativa de Mário de Mello interpretar de modo pessoal o pendor aristocrático de Oliveira Lima, retirando-lhe ou suavizando eventual elitismo, mas também é passível de ser expressão sincera de opinião. Desenhasse, em escala reduzida, mais um retrato impressionista e comprometido do que uma biografia aprofundada, assente em profusão de pormenores e numa medida do tempo diacrónica, baseada no relato de um percurso e das suas identidades e contradições, atravessado por detalhes acerca da vida profissional de Oliveira Lima, dos cargos que ocupou, dos livros que escreveu, dos títulos que recebeu. Estes elementos compõem episódica e difusamente, sob a forma de apontamentos. Os eventos e acontecimentos da época retratada e os respetivos ambientes socioculturais também não merecem ampla atenção, resumindo-se a rotinas e procedimentos diários. A dimensão mensal ou anual dos fenómenos é subalternizada, em favor de unidades mais pequenas de medida de tempo. Por outro lado, o acaso, o aleatório e o inesperado, aos quais o quotidiano também é permeável, desaparecem, ou compõem de modo mitigado, de forma a encarar a vida de Oliveira Lima como um conjunto de rituais previsíveis e quase independentes de causalidades externas ao seu curso próprio. Mário Mello lida com uma conceção de verdade que expressa implicitamente no seu

trabalho e decorre do tipo de testemunho que transmite, pessoal, íntimo, mais histórico do que historiográfico.

O segundo depoimento de homenagem a Oliveira Lima foi escrito por um intelectual que vivia no Brasil, José Júlio Rodrigues, que, como o próprio confessa, foi ajudado pelo historiador falecido em certos momentos do seu percurso profissional, mormente na escola de Altos Estudos do Rio de Janeiro, que aquele fundara, ou durante os respetivos cursos na Biblioteca Nacional. O artigo de José Júlio Rodrigues é composto por três partes. A primeira, uma introdução de poucas linhas, dá conta do momento em que, cerca de vinte anos antes, conhecera o homenageado. Todavia, a segunda parte do trabalho publicado resulta de extensa citação – cerca de uma página – do livro mais recente de José Júlio Rodrigues, cujo título não refere. Não é fácil esclarecer as circunstâncias que terão determinado a transcrição do labor anterior, dado que não foram explicitadas pelo autor, mas podem relacionar-se com o curto intervalo de tempo que decorreu entre a morte de Oliveira Lima e a necessidade sentida por José Júlio Rodrigues de se associar à efeméride comemorativa da memória daquele diplomata e historiador, não havendo tempo para abordagens mais específicas.

Também é possível que o homenageador se tenha confrontado com escassez de palavras que, no imediato, traduzissem, suficientemente, e através de um discurso coerente e articulado, a admiração por Oliveira Lima, ou a dívida de gratidão que o seu desaparecimento obrigava a tornar patente. Para suprir essa falta, ou a lacuna dela decorrente, José Júlio Rodrigues resolveu socorrer-se de trabalho seu, prévio à morte daquele historiador e diplomata, de forma a apresentar um discurso instrumentalmente objetivo, mais distanciado, que não fosse encarado apenas como fruto de eventual obrigação laudatória. O excerto materializado possui características muito próprias, que lhe conferem um cunho que o diferencia, dado reportar-se ao momento em que José Júlio Rodrigues contactou, pela primeira vez, com Oliveira Lima, pelo que aquele terá tido necessidade de demonstrar o que essa circunstância significou para si. Uma vez que tinha material previamente escrito a propósito dessa situação, resolveu reproduzi-lo, fazendo apelo a uma estratégia descritiva dotada de solenidade quase institucional que degenerou numa espécie de *hierofania controlada*, contada de modo racional:

“Desfazendo todas as minhas figurações mentaes, o personagem [Oliveira Lima] que entrava revestia-se de uma tão irradiante aureola de sympathia, que o ambito do salão, até então reservado e frio, pareceu aquecer-se e iluminar-se [...]” (RODRIGUES, 1927-28, p. 222).

José Júlio Rodrigues preocupa-se, no derradeiro segmento do seu artigo, em enfatizar a formação intelectual e cultural portuguesa de Oliveira Lima, influenciadas pela naturalidade dos seus ascendentes mais diretos e pela vinda para a antiga metrópole em tenra idade. Mário Mello não esquecerá esta circunstância nem as consequências dela decorrentes, mas conferira-lhe menor visibilidade. Inversamente, José Júlio Rodrigues aprofundou esta questão e deteve-se, para o efeito, na importância de mestres como Teófilo Braga, Adolfo Coelho e Consiglieri Pedroso, professores que pontificavam nas universidades quando Oliveira Lima começou a interessar-se pelas matérias que tratavam. Pode surpreender este elogio implícito de José Júlio Rodrigues a Teófilo Braga e aos de seus pares, ainda que apresentado de modo discreto e quase neutro. Este gesto resulta inusitado, de algum modo, numa primeira instância, dado que na *Revista de História* eram mais frequentes as críticas negativas, veladas ou contundentes, ao escritor açoriano, ao respetivo percurso e ao ideário nele implicado. Todavia, essa estranheza inicial desvanece-se de imediato, conforme deixa transparecer a afirmação seguinte do articulista, em jeito de comentário, breve, diplomático, mas esclarecedor. Desses grandes mestres Oliveira Lima guardou métodos e preferências: “[...] com esses mentores creou o gosto das monographias exaustivas em que um difficil assumpto é versado em todas as suas faces até á ultima contribuição de documentos [...]” (RODRIGUES, 1927-28, p. 224). José Júlio Rodrigues tinha uma posição diferente da do seu homenageado, Oliveira Lima, sobre Teófilo Braga.

Oliveira Lima terá sofrido desilusões e desapontamentos no decurso da sua trajetória, desde logo no âmbito diplomático, quando foi forçado a retirar-se da embaixada de Londres, tendo a sua carreira sofrido abalo decisivo, ou em 1915, data em que eram patentes as suas posições sobre a Primeira Guerra Mundial, diferentes das dominantes, e cuja receção pelos poderes terá demonstrado essa incompatibilidade. Ao contrário da visão difusa e genérica de Mário Mello, que apontou fugazmente os *inimigos* de

Oliveira Lima enquanto categoria vazia, na sua indefinição, caricaturável e movida por reparos à opulência física do historiador pernambucano – já que outros já não seriam vistos como possíveis –, José Júlio Rodrigues continua a não nomear opositores nem procede à respetiva caracterização, mas não deixa de apontar dois momentos capitais, episódios que surgem enquanto corolário de dissensões ou de mal-entendidos, que conduziram ao afastamento de Oliveira Lima de cargos ou à subjugação das suas opiniões. A postura do homenageador poderia concorrer para temperar a hagiografia do homenageado com a configuração de agruras que sofrera. Todavia, o efeito laudatório fez-se sentir com mais força por parte do colaborador da *Revista de História*, ressaltando o sofrimento de Oliveira Lima, que lhe reforça a combatividade vivida sem grandes exteriorizações, que apenas surgiram à medida que a distância temporal face aos episódios narrados se impôs. Acresce que tão pouco os desabafos foram descritos com detalhes, eximindo-se o articulista à polémica que poderia decorrer da respetiva explicitação, impondo a si próprio um dever de reserva, eventualmente conivente e revelador de empatia para com a personalidade retratada.

José Júlio Rodrigues apresenta um perfil de Oliveira Lima como um lusófilo e parece partilhar dessa lusofilia, mas deixa subtilmente uma crítica ao meio intelectual brasileiro e à imagem que transmite parte dele acerca da antiga metrópole, muitas vezes negativa: “Estive com Oliveira Lima em Lisboa, ha cinco anos, quando da sua volta, convalescente, de Hamburgo [...] O seu bom gosto, o seu orgulho ancestral, o seu equilibrio attico, o seu espirito christão repugnavam esse gracejo facil sobre cousas portuguezas [...]” (RODRIGUES, 1927-28, p. 225).

As palavras do homenageador comprovam que conhecia bem o meio lisboeta do qual fala. É provável que esse conhecimento não resultasse tão próximo quanto o envolvimento nesse círculo por parte de Oliveira Lima, mas pode ter sido esse contacto, admitido e revelado na primeira pessoa, a propiciar o convite do diretor da *Revista de História* para que José Júlio Rodrigues nela escrevesse. Este demonstra gratidão pela solicitação e, dentre os intelectuais que cita, encontram-se, para além de colaboradores do periódico, alguns dos membros da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos. A suceder o cortejo de ilustres encontra-se mais uma

caracterização de Oliveira Lima, que se centra exclusivamente no alegado espírito aristocrata do homenageado sem o encarar enquanto personalidade receptiva à cultura popular. Esta omissão pode não constituir negação da existência desse polo cultural, mas não deixa de votá-lo ao silêncio, sinal de eventual subalternidade.

Registe-se que José Júlio Rodrigues aproveita ainda a ocasião para enviar indiretas a intelectuais seus contemporâneos que, alegadamente, subvalorizam Portugal, entendendo o articulista que essa atitude não impediu o reconhecimento do atraso brasileiro, porventura imputável a certos sectores do republicanismo, investidos de responsabilidades governativas. O tópico do atraso era trabalhado, até finais dos anos 20, por intelectuais, progressistas, moderados ou conservadores, conforme demonstra Fernando Nicolazzi, ao analisar textos de autores situáveis, possivelmente, num dos dois últimos grupos citados, ou em ambos, como são os casos de Alberto Torres (1914), Ronald de Carvalho (1919) Tristão de Athayde (1924), Alcântara Machado (1926) e Paulo Prado: “[Impunha-se] a constatação de profundas diferenças e de consideráveis lapsos de tempo que separavam a cultura (brasileira) da civilização (ocidental) [...]” (NICOLAZZI, 208, p. 4).

José Júlio Rodrigues parece partilhar estas interrogações e participar do lastro deixado pelas respetivas implicações. Na terceira parte seu artigo, o tom de panegírico comparece, em determinadas situações, atravessado pela tentação da hagiografia relativamente ao retrato de Oliveira Lima.

Embora o homenageador tente uma solução de compromisso no seu relato entre a empatia e gratidão para com o homenageado e a narrativa episódica e lacónica de alguns dos momentos da vida de ambos, o tom confessional sobrepõe-se à objetividade pretendida e esta corre em auxílio daquele. Os factos e acontecimentos da trajetória de Oliveira Lima comparecem para ser suplantados por diretrizes previamente definidas pela afetividade. O conceito de verdade, que parece implicitamente materializado por José Júlio Rodrigues, é percorrido por solução de compromisso (desequilibrado) entre subjetividade e objetividade. Sendo que aquela absorve e obnubila alegado distanciamento. Passa-se algo semelhante com a apresentação desordenada de momentos marcantes do tempo cronológico,

desenraizados da sua sequência e subordinados ao *finis* das lembranças. O artigo seguinte, de Gilberto Freyre, resulta aparentemente disfórico face ao intimismo que transparece dos depoimentos de Mário Mello e José Júlio Rodrigues, sobretudo em relação ao testemunho deste último. Diga-se que o trabalho do colaborador da *Revista de História* possui uma data que lhe é anterior, foi concluído em 1926, em Washington, local onde residia e se encontrava com Oliveira Lima. Desconhecem-se os motivos editoriais que terão presidido à organização dos textos de homenagem ao cultor de Clio – mas é lícito defender-se que a publicação tenha respeitado a ordem de chegada dos testemunhos à redação da *Revista de História* – tanto mais que alguns deles são prévios ao passamento do intelectual, como é o caso do escrito da autoria de Gilberto Freyre que, pela referência espacial com que situa o seu labor, parece confirmar proximidade de contactos e vivências com Oliveira Lima.

Todavia, o texto de Freyre recupera certo pendor pessoal patente no de Mário Mello, mas subalterniza, até à parte final do seu trabalho, a partilha de experiências ou o convívio com aquele diplomata homenageado, deixando-os implícitos e submetendo-os ao crivo de um estilo deliberada e instrumentalmente próximo do impessoal, forjado eventualmente para, sob a égide do distanciamento retórico formal, engendrar maior liberdade de movimentos e pensamentos. Gilberto Freyre autorrepresenta-se como catalogador e inventariador – condição e termos nunca nomeados – do espólio fotográfico e da coleção de arte, de quadros e gravuras na posse de Oliveira Lima e guardados na casa deste, em *Columbia Heights*, mas não se exime o articulista a retirar àquele espaço qualquer carga museológica, entendendo o museu enquanto repositório de peças e materiais com os quais o possuidor não tivesse uma relação afetiva e dos quais fosse colecionador distante, comportando-se como antiquário: “Entre os 40.000 livros e manuscritos raros é fácil perder de vista a collecção de quadros e gravuras e objectos de arte; e a colecção de retratos e photographias [...]” (FREYRE, 1927-28, p. 241).

Neste rastreio de bens de Oliveira Lima, Gilberto Freyre pretende transcender a lógica da enumeração e transformá-la numa análise da personalidade em causa, através do seu acervo material, acumulado ao

longo dos anos, e entendido enquanto fruto dessa experiência e resultado de uma construção ativa da memória. Daí que desde a introdução textual promovida por Gilberto Freyre se percebe o apreço e dedicação de Oliveira Lima pelos seus haveres, notando-se o entendimento disso mesmo por parte daquele amigo, percebendo-se o respetivo afã de transmissão dessa ideia. O inventário descrito por Freyre é revelador do percurso do seu compatriota e conterrâneo, permitindo confirmar dados relevantes, como a proximidade do homenageado face a intelectuais portugueses, a ponto de possuir retratos de Moniz Barreto ou Ferreira Deusdado. Da autoria do primeiro repescara e republicara na *Revista de História* um artigo sobre Crítica Literária e dedicara ao segundo um estudo, em reconhecimento da relevância intelectual de ambos. Pode aventar-se a hipótese segundo a qual o *descriptivismo* serve a Gilberto Freyre como instrumento para a expressão do perfil de Oliveira Lima, concretizando acerca dele um perfil de recorte etnográfico, tendo chegado o homenageado a aproximar-se do que viria a ser um antropólogo, atividade que exerceu o futuro autor de *Casa Grande e Senzala* (1933).

Nesta obra, o autor foi ao encontro da identidade brasileira e construiu um contraponto a *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, contrariando, do ponto de vista das intenções de escrita, o alegado naturalismo, de pendor biologista e positivista, supostamente patente neste trabalho. Enquanto Euclides preferira um registo neutro e distanciado no plano espacial, linear ao nível das coordenadas temporais, em Freyre emergia uma observação participante e implicada dos fenómenos recenseados e estudados, envolvendo-se ativamente com aquilo que se expunha ao seu contacto e que procurava conhecer. Daí que o viajante se tenha sobreposto ao erudito, sem colocá-lo de parte, convocando na escrita, tudo o observado e vivido, materializando fidelidade à riqueza linguística do nível de língua de extração popular, cruzando-o com a erudição do sociólogo.

Em 1926, sete anos antes de *Casa Grande e Senzala*, verifica-se a presença, de modo incipiente, menos amadurecido, de certas características da escrita que viriam a celebrar Gilberto Freyre, como um autor que do verbo fez carne. Claro que esses elementos se encontram rarefeitos, em intensidade e frequência, ou no plano da eficácia formal, aquando do texto

sobre Oliveira Lima. Todavia, essa rarefação não era sinal de insuficiência, mas demonstrava vontade de germinação de conceitos e métodos. Acrescenta-se que não se pretende comparar os trabalhos enunciados quanto à sua natureza e profundidade. Contudo, mesmo num texto mais descritivo, no qual se apura um espólio, encontra-se interesse de Gilberto Freyre em expressar a sua opinião sobre o passado recente e o presente da política do seu país, desfechando o seu artigo através da referência a Sousa Correia, diplomata, colega e amigo de Oliveira Lima, servindo-lhe essa lembrança como alicerce para reflexão negativa acerca do momento que se está a atravessar: “Estas photographias [...]. São uma documentação honrosa para a História da diplomacia brasileira. A qual, [...] está a acinzentar-se cada vez mais na diplomacia dos Mellos Francos e dos Raul Fernandes [...], quando não de aurea mediocridade [...]” (FREYRE, 1927-28, p. 241).

No texto de Gilberto Freyre sobre Oliveira Lima encontra-se a preocupação de usar materiais e documentos como fontes dotadas de um trajeto e de significados próprios, portadoras de factos, detentores estes de carga vivencial, entendidos enquanto formas de recordação de acontecimentos marcantes, sob o signo da memória, que procura o acaso, mas submete-o a uma lógica discursiva, incipiente e implícita. A verdade encarada por Gilberto Freyre como a conformidade entre o espólio de Oliveira Lima e o fluxo vivencial que este reflete e ativa. No alinhamento redatorial da *Revista de História*, o texto seguinte sobre Oliveira Lima reproduz uma entrevista com o diplomata, mas desconhece-se o nome do jornalista, dado que, em nota apensa à peça jornalística, a redação do periódico lamenta esta situação, mas explica que decorreu do lapso do responsável pelo envio do texto. Esse trabalho intitula-se *Última Entrevista de Oliveira Lima*. O jornalista brasileiro foi a Washington, por intermédio do diplomata Alberto Pierrot, que o acompanhou e facilitou o contacto, de onde a necessidade de deixar escritas algumas palavras sobre a biografia do intermediário, em sinal de reconhecimento ao antigo adido comercial da embaixada do Brasil na capital dos Estados Unidos e, em Março de 1928, funcionário do departamento de comércio americano. Pierrot encontrou-se com o entrevistador de Oliveira Lima, alegadamente por acaso, à porta do hotel deste em Nova Iorque, e fizeram juntos a viagem em direcção à residência do entrevistado. O entrevistador descreve alguns



pormenores de circunstância, relativos à duração da deslocação, sobre as condições climatéricas nas quais ocorreu. Centra-se, em seguida, na receção da qual foram alvo, alude a certas características referentes à casa de Oliveira Lima, nomeadamente o requinte do salão no qual decorreram a espera e a conversa. Nota-se a expectativa com que esta era aguardada e a ansiedade de que se revestia. Este encontro tem interesse acrescido, dado que a sua descrição revela um Oliveira Lima doente, debilitado, poucos meses antes de morrer e testemunha-se o esforço que fez para não faltar à entrevista, sempre simpático e supostamente eximindo-se a queixas, situação que não impediu o entrevistador de perceber a mágoa daquele por estar consciente da gravidade da sua enfermidade, facto que o impedia de voltar a visitar o Brasil ou até de regressar. Isso deixava-o triste e melancólico. Essa nostalgia foi comungada pelos restantes presentes. O jornalista confirmou a simpatia da mulher de Oliveira Lima e a conversa foi amena e breve, certamente para não cansar o doente, mas decorreu sob o signo da nostalgia, bem presente quando Oliveira Lima se referiu ao seu exílio: “O exílio só é suportável para os que têm forças para lutar. Vou desfalecendo aos poucos. Imagine que, ultimamente, nem tenho podido escrever para os jornaes de que sou colaborador”.<sup>2</sup>

Por razões de compadecimento com o sofrimento, mas também pela evocação na primeira pessoa do passado jornalístico, o entrevistador sentiu-se sensibilizado pelo argumento de Oliveira Lima, com o qual tinha relativa afinidade de carreira, no ponto concreto relativo à imprensa. As viagens foram uma constante da vida profissional de Oliveira Lima, enquanto esta se manteve ativa. O historiador brasileiro afastou-se pouco depois da recordação de acontecimentos. Assim terminou a entrevista, denominada *conversa* pelo próprio entrevistador, dado que este parece não ter feito perguntas, nem se desenvolveu um diálogo esquematicamente planeado e estruturado.

Oliveira Lima falou, alegadamente, do que quis e como lhe aprouve, sem cortes, restrições, condicionamentos ou apelos ao contraditório. Interessava ouvi-lo e partilhar com ele alguns momentos, deixando-se de

---

<sup>2</sup> LIMA, Oliveira. Última entrevista de Oliveira Lima. *Revista de História*, Lisboa, v. 16, n. 64, 1927-1928, p. 249.

lado questões que, no momento, podem ter sido consideradas deslocadas ou inadequadas ao estado físico do entrevistado, como as que se reportam à sua formação, aos cargos que desempenhou, aos títulos com que o distinguiram, às obras que escreveu. Daí que a recolha de documentos, a pesquisa de factos, que teriam acolhimento num jornalismo de cariz próximo do historiográfico, tenham cedido posto a um testemunho ontológico, de cuja tonalidade existencial se quis deixar registo, dando-se livre curso a alguns monólogos de Oliveira Lima, sem o estabelecimento de qualquer esboço biográfico, que não o decorrente do livre-arbítrio do entrevistado, ao arrepio de nexos diacrónicos de causalidade, ou do aprofundamento da erudição, da objetividade ou da verdade histórica. Uma outra reação à morte de Oliveira Lima foi protagonizada, nas páginas da *Revista de História*, pelo também pernambucano Aníbal Fernandes, que deu prova de conhecer bem o falecido, ou os meios diplomáticos nos quais se moveram ambos, e que foram, até certo ponto, comuns, dado que a mediar as relações de ambos e a opinião de Fernandes sobre Lima encontra-se o recurso, por parte daquele, a testemunhos anteriores dum diplomata do Brasil em Paris e do argentino Stanislau Zeballos (este em 1920), ambos laudatórios relativamente ao pan-americanismo de Oliveira Lima e ao seu pacifismo. Aníbal Fernandes relembra que relativamente pouco tempo antes de morrer, o celebrado diplomata reiterara esforços para manter estável e afirmar o centenário das boas relações entre o Brasil e a Argentina, ameaçadas pelo espectro de novas guerras, agitado por jornalistas e políticos na década de 20: “[...] o esforço idealista para afastar a idéia de guerra das relações continentais, esteve em risco de ser comprometido [...]. E entre o Brasil e a Argentina creou-se uma tensão [...] tão grave [...] que a guerra entre os dois países esteve por um fio” (FERNANDES, 1927-28, p. 251-52).

Aníbal Fernandes evidencia um estilo entre a prudência diplomática e a opinião jornalística e sublinha uma faceta da atualidade política, nela enquadrando o nacionalismo de Oliveira Lima, entendido como moderado e tolerante, compaginando o amor pelo Brasil com o apreço pelo continente em que geograficamente o país se inscreve, tentando quebrar a tradição guerreira vigente na Europa e vincar a autonomia face ao velho continente mas numa lógica de cooperação, não agressão e sem vincar ódios ou

hostilidades. A forma como Fernandes materializa e põe em prática uma noção de verdade é tributária da escolha de um prisma: o do pan-americanismo, tido como valor positivo a defender e preservar e analisa a concertação de Oliveira Lima com essa perspectiva, mas não esclarece se a configura enquanto ideologia ou filosofia, sendo certo que a toma como ideia com implicações políticas. Todos os homenageadores de Oliveira Lima já referidos debruçaram-se em maior ou menor grau, direta ou indiretamente, sobre facetas da sua vida. À medida que a efeméride caminha para o final nas páginas da *Revista de História*, o impulso de síntese começa a ganhar forma e surge uma biografia do autor, que poderia ter comparecido no início, para cumprir pressupostos de apresentação do intelectual em estudo. À *Revista de História* interessaria não deixar cair Oliveira Lima no esquecimento, erguendo-o como símbolo e emblema de modos de sentir e pensar próprios de um grupo de admiradores? Esse grupo teria afinidades com o total de colaboradores do periódico, que constituía o conjunto de participantes neste órgão de comunicação, em todos os sectores nos quais se refletia a respetiva atividade, ou apenas no andamento consignado aos artigos? Todavia, a sequência a que temos aludido é passível de sobre ela não se ter exercido a influência de um plano editorial estruturado, mas, outrossim, sujeito a contingências ou constrangimentos decorrentes de entregas de textos a ritmos descompassados, respeitando-se a ordem imposta pela receção dos trabalhos de homenagem.

O autor da biografia que assina com as iniciais N. P., pernambucano de origem, resolveu resgatar Oliveira Lima de um ‘limbo’, eventualmente pressentido ou adivinhado, através da concretização de um perfil biográfico, assente numa diacronia descritiva e distanciada, de modo a fixar uma cronologia do autor, que constituía alternativa – consciente ou inconsciente - a deambulações pessoais, digressões testemunhais feitas ao sabor e à medida das lembranças, desordenadamente, segundo o impulso dos episódios marcantes. No excursus biográfico refere-se a data e o local de nascimento de Oliveira Lima, a formação em Portugal no Curso Superior de Letras, o convite para lecionar. A carreira diplomática é evocada, primeiro na Legação em Lisboa (1890), depois na de Berlim (1892) e, como secretário, em Londres. Daí o diplomata partiu para o Japão, até 1901-1902, data na qual foi nomeado

plenipotenciário no Peru, cargo que não exerceu. Em 1904, Oliveira Lima foi nomeado Ministro em Bruxelas, até ser obrigado a aposentar-se em 1912. Regressou ao Brasil e ao Recife, situação que coincidiu, parcialmente, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, contra a qual o pacifista se pronunciou. No entanto, não deixa de ser significativo, o silêncio do biógrafo acerca da simpatia de Oliveira Lima pela Alemanha no confronto bélico. Trata-se de um tema controverso, passível de gerar polémica, dado que o diretor da *Revista de História* era anglófilo nesta matéria. Contudo, o historiador brasileiro via Portugal e Fidelino como pontos de apoio, caso deles necessitasse, manifestando grande curiosidade sobre o meio intelectual português e aforando a temática guerra de modo subtil com o seu amigo, temendo censuras externas (MALATIAN, 2015, p. 14; 18). Em 1917, Oliveira Lima foi homenageado no Rio de Janeiro, precisamente no ano da comemoração do primeiro centenário da Revolução Republicana. Contudo, no entender do homenageador-biógrafo: “Pernambuco não soube nunca ser grato [...]. Sentindo-se intimamente ferido pelas injustiças [...] Oliveira Lima resolveu transferir-se para os Estados-Unidos [...]. Este acto foi mal compreendido por uma grande parte de brasileiros [...]” (PEREIRA, 1927-28, p. 256).

Todavia, o articulista apresenta exemplo de um pernambucano que esteve a favor da passagem da Biblioteca para a América. Trata-se de Mário Mello, coincidentemente ou talvez não, também colaborador já estudado da efeméride realizada na *Revista de História*, que apresentou três razões para a transferência daquele espólio. Em primeiro lugar, esse tipo de doações era comum na América; por outro lado, uma biblioteca latino-americana constituía uma novidade nos Estados Unidos, que ofereceram condições logísticas excepcionais para o transporte e alojamento dos materiais acumulados por Oliveira Lima. O seu biógrafo na *Revista de História* acelerou o ritmo do respetivo texto e imprimiu-lhe maior força e entrega aquando da referência ao caso da Biblioteca e da expressão de menor gratidão por parte de sectores consideráveis da intelectualidade pernambucana e brasileira como reacção a este quadro, se atentarmos na efeméride patente na revista dirigida por Fidelino de Figueiredo: são sobretudo alguns estudiosos originários daquela região do país a tomar partido a favor do viajante, diplomata e historiador. A amostra é significativa e exemplificativa no plano qualitativo, mas não

cumprir os requisitos da representatividade quantitativa. O biógrafo desta personalidade termina o seu texto com elogios a Oliveira Lima, precedidos pela referência à sessão que na Academia de Ciências de Lisboa celebrou em vida esta personalidade. Decorreu a cerimônia em 1923 e estavam presentes Lúcio de Azevedo, Júlio Dantas, Joaquim Leitão e Fidelino de Figueiredo. O biógrafo parece limitar-se a registrar o acontecimento, de modo objetivo e distanciado, mas este pode ser lido contrapondo-se a admiração de intelectuais portugueses ao diagnóstico anteriormente expresso sobre parte significativa dos congêneres pernambucanos.

O articulista em questão seleciona os momentos que considerou mais importantes da vida do biografado, sem explicar os motivos que conduziram à seleção, eximindo-se a procurar articulações. O conceito de verdade utilizado pelo biógrafo mimetiza as realidades exteriores ao texto e filia-se no âmbito da correspondência face aos acontecimentos narrados. Neste excuro biográfico ecoam e prolongam-se apontamentos diversos, que fazem lembrar as intervenções de outros homenageadores de Oliveira Lima. O trabalho seguinte, da autoria de Fidelino de Figueiredo, constituiu uma pequena homenagem a um espírito que dialoga com todos os da mesma estirpe, até então apresentados. Nele, o diretor da *Revista de História* parece servir-se da condição de organizador da evocação de Oliveira Lima e assume uma visão de organizador que intenta uma síntese da síntese e instaura um ambiente propício à conjugação do ponto de situação sobre o investimento organizativo ao qual procedeu. Por outro lado, o autor de *Espírito Histórico* resolveu tomar a palavra para cumprir o protocolo a que o obrigava o papel de que se investiu e o estatuto acoplado à função de catalisador e compilador das intervenções solicitadas e recebidas. Mas o seu artigo concretizou-se por uma razão agregada a outra e juntas sobrepujam as restantes. Fidelino de Figueiredo identifica-se com o perfil de intelectual evidenciado por Oliveira Lima e aproveita a ocasião para apresentá-lo em traços gerais, mais impressionantes, relacionados com as viagens científicas realizadas, o exílio em Washington, a forma de fazer e escrever História, o cosmopolitismo e o ibero-americanismo.

O organizador da homenagem identifica-se com as características inerentes ao trajeto do intelectual brasileiro, dado que na altura em que

redige o seu artigo se encontra também exilado, no caso em Madrid, situação que o impede de concretizar uma efeméride mais cuidada, por se encontrar privado da sua biblioteca, facto que lamenta, num tom justificativo e autocrítico, portador de uma nota pessoal amarga mas significativa: “Apenas soube da morte de Oliveira Lima, consagrei-lhe uma lição na Universidade de Madrid e deliberei dedicar-lhe o presente volume da *Revista de História*, únicas formas, ao meu alcance de prestar homenagem ao primeiro historiador brasileiro do seu tempo [...]” (FIGUEIREDO, 1927-28; MALATIAN, 2015, p. 10-28).

Note-se a ausência de referência fideliniana a historiadores que, mais velhos ou mais novos, foram contemporâneos de Oliveira Lima, conforme são os casos, respetivamente, de F. Adolfo Varnhagen e Capristano de Abreu. Aquele intelectual português não avança os motivos de tais omissões, nem adianta se são deliberadas ou fruto de esquecimento. Todavia, a segunda hipótese parece anulada pelas suas próprias palavras, das quais avulta uma vontade de hierarquização explícita, de uma personalidade entre outras possíveis. Figueiredo destaca Oliveira Lima, coloca-o acima dos restantes e exime-se a referir qualquer outro nome, mas é claro na preferência manifestada, tanto que se reservou o direito de evitar explicá-la. Parece ter cabimento a conjuntura segundo a qual Varnhagen representa, a seus olhos, uma linha excessiva e exclusivamente erudita de abordagem, Capristano, mais problematizador, facto que agradaria ao homenageador de Oliveira Lima, estava ainda a construir o respetivo percurso, sendo porventura prematuro analisá-lo.

## **Conclusão**

Fidelino de Figueiredo conhece bem a totalidade das intervenções compiladas e exerce sobre elas velados reparos, como o que se dirige à falta de estudos monográficos. Parece revelar-se crítico da subalternização do perfil historiográfico de Oliveira Lima ou da excessiva concentração de contributos brasileiros. O seu artigo assume essas falhas e procura corrigi-las ou colmatá-las, apesar das limitações reconhecidas. Baseia-se, para o efeito,

na caracterização do historiador em detrimento do diplomata e sistematiza a visão historiográfica de Oliveira Lima, que é também a sua, e passa pela acumulação de materiais, pela renovação de problemas e pela construção de interpretações realistas nas quais se alia a prova documental – importante, mas não suficiente – à reconstrução da intriga política, acompanhada pela síntese das temáticas versadas. Fidelino sente que o conjunto que constitui a efeméride dedicada a Oliveira Lima na *Revista de História* não é suficiente, nem faz jus ao seu elogiado cosmopolitismo, procurando lançar o repto e a semente para iniciativas futuras, apresentando uma espécie de declaração de intenções, que funciona como caderno de encargos a cumprir e abarca a compilação de estudos históricos dispersos de Oliveira Lima, os respectivos artigos publicados na imprensa ibero-americana e o estudo sistemático da sua obra.

O intelectual português demonstra, no artigo do periódico em análise, sensibilidade para com o *espírito político* do homenageado, quatro vezes referido e elogiado nesses termos. O escrito fideliniano revela cuidado e interesse para com certos acontecimentos da vida de Oliveira Lima, mas procura problematizá-los, realizando uma introspeção acerca da efeméride em curso, interpretando as implicações do perfil historiográfico do autor estudado.

Esta perspectiva crítica enquadra e matiza a *bibliografia de Oliveira Lima*, que se lhe segue, funcionando como explicação prévia desse inventário lacônico, descritivo e cronológico, no qual pode arriscar-se e sintetizar-se a presença de vários núcleos não agrupados explicitamente. Oliveira Lima começou a sua carreira de ensaísta com um estudo sobre Pernambuco, tributo à sua cidade natal, retomado por uma vez, pelo menos, aquando do trabalho sobre a maternidade local. Por outro lado, um dos âmbitos mais recorrentes da sua atividade prendeu-se com o estudo da História do Brasil, da fase final do Império à República. Também não esqueceu a História de Portugal, presente na biografia de *D. João VI*. A História da Historiografia marcou o seu lugar no elogio a Varnhagen. As notas de viagem, nomeadamente ao Japão e os trabalhos sobre Pan-Americanismo receberam muito do esforço bibliográfico de Oliveira Lima. Fidelino de Figueiredo acrescenta uma nota ao inventário apresentado, na qual refere que o brasileiro preparava as suas memórias quando faleceu. Esta

indicação constitui um pormenor biográfico que pretende complementar e iluminar a extensa lista recenseada de títulos do historiador, viajante e diplomata pernambucano, parecendo significar que havia mais vida na e para além da obra do celebrado escritor brasileiro e lusófilo (ALMEIDA, 2004, p. 121-137).

## Referências

- ALMEIDA, P. R. Oliveira Lima e a diplomacia brasileira no início da república um intelectual com ideias fora do lugar. *Remate de Males*, v. 24, p. 121-137, 2004.
- CATROGA, F. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.
- FERNANDES, A: Recordando um grande nome. *Revista de História*, v. 16, n. 64, p. 251-253, 1927-1928.
- FIGUEIREDO, F. M. de Oliveira Lima. *Revista de História*, v. 16, n. 61, p. 5, 1927-1928.
- \_\_\_\_\_. Pequena homenagem a um grande espírito. *Revista de História*, v. 16, n. 64, p. 308-311, 1927-1928
- FREYRE, G. Oliveira Lima em Washington. *Revista de História*, v. 16, n. 64, p. 241-246, 1927-1928.
- KUUKKANEN, J-M. *Postnarrativist Philosophy of Historiography*. New York: Palgrave Macmillan, 2015.
- LIMA, Oliveira. Última entrevista de Oliveira Lima. *Revista de História*, v. 16, n. 64, p. 247-250, 1927-1928.
- MALATIAN, T. Itinerários na Correspondência entre Oliveira Lima e Fidelino de Figueiredo (1912-1928). *História da Historiografia*, n. 19, p. 10-28, 2015.
- MELLO, M. Oliveira Lima Intimo. *Revista de História*, v. 16, n. 63, p. 215-225, 1927-1928.
- MOREIRA, N. *A Revista de História: uma proposta de análise histórico-historiográfica*. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2012.
- \_\_\_\_\_. As relações Portugal-Brasil na Revista de História (1912-1928): reflexões em torno do Luso-tropicalismo e da Lusofonia. In:



MARTINS, M.; CABECINHAS, R.; MACEDO, L.(Org.). *Interfaces da Lusofonia*. Braga: Centro de Estudos Comunicação e Sociedade, 2014, p. 112-125.

NICOLAZZI, F. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio*. Sobre Casa – Grande & Senzala e a representação do passado. Porto Alegre: Ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

PEREIRA, N. Biografia de Oliveira Lima. *Revista de História*, Lisboa, v. 16, n. 60. Lisboa, p. 256-258, 1927-1928.

RODRIGUES, J. Acerca de Oliveira Lima. *Revista de História*, v. 16, n. 63, p. 221-226, 1927-1928.